

Informe Mineral

DNPM
Departamento Nacional de Produção Mineral

Desenvolvimento & Economia Mineral

1º Semestre 2008



APRESENTAÇÃO

O INFORME MINERAL – Desenvolvimento & Economia Mineral, é parte integrante da Série de Estudos de Política e Economia Mineral, que tem por objetivo a análise dos indicadores de desempenho da Economia Mineral do Brasil.

Nesta edição, a Seção Destaque retoma a abordagem sobre a crescente credibilidade internacional do Brasil, analisando o processo de convergência do risco-País para o ‘grau de investimento’ (*investment grade*), com ênfase especial ao Mineralnegócio (*Mineral Business*).

O **INFORME MINERAL** tem periodicidade semestral, sendo disponibilizado para acesso e *download* na Seção Economia Mineral no Portal-DNPM.

www.dnpm.gov.br

Antonio Fernando da S. Rodrigues
Diretor-DIDEM

INFORME MINERAL 2008

(1º Semestre)

Publicação

Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM

Setor de Autarquias Norte – Quadra 1, Bloco B

70041-903 – Brasília, DF – Brasil

Internet: <http://www.dnpm.gov.br>

Elaboração e Edição

Diretoria de Desenvolvimento e Economia Mineral – DDEM

E-mail: didem@dnpm.gov.br

Antonio Fernando da Silva Rodrigues, Geólogo., MSc

Diretor

Kiomar Oguino, Geólogo

Diretor Substituto

Equipe Técnica

Antonio Fernando da S. Rodrigues, Geólogo

Antonio Eleutério de Sousa, Geólogo

André Luiz Santana, Economista

Benedito Célio Eugênio da Silva, Geólogo

Carlos Augusto R. Neves, Economista

Carlos Antonio Gonçalves de Jesus, Eng. Metalurgista

Cristina Socorro da Silva, Economista

Glória Lorena Sousa Sena, Geólogo

Luiz Alberto Melo de Oliveira, Geólogo

Maria Alzira Duarte, Economista

Mathias Heider, Eng. de Minas

Normando Queiroga, Geólogo

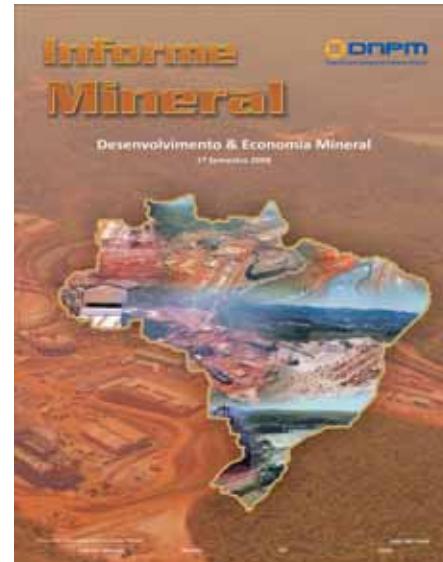
Osvaldo Barbosa F. Filho, Geólogo

Raimundo Augusto C. Mártires, Geólogo

Rui Fernandes Pereira Júnior, Economista

Telma Monreal Cano, Economista

Vanessa Rodrigues dos S. Cardoso, Economista



Colaboração

Alencar Moreira Barreto - Arte

Isabel Carvalho - Jornalista

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
I. AMBIENTE ECONÔMICO.....	03
II. DESEMPENHO DO SETOR MINERAL.....	06
III. COMÉRCIO EXTERIOR.....	17
IV. DESTAQUE - A economia do Brasil na rota dos fluxos de IEDs.....	20

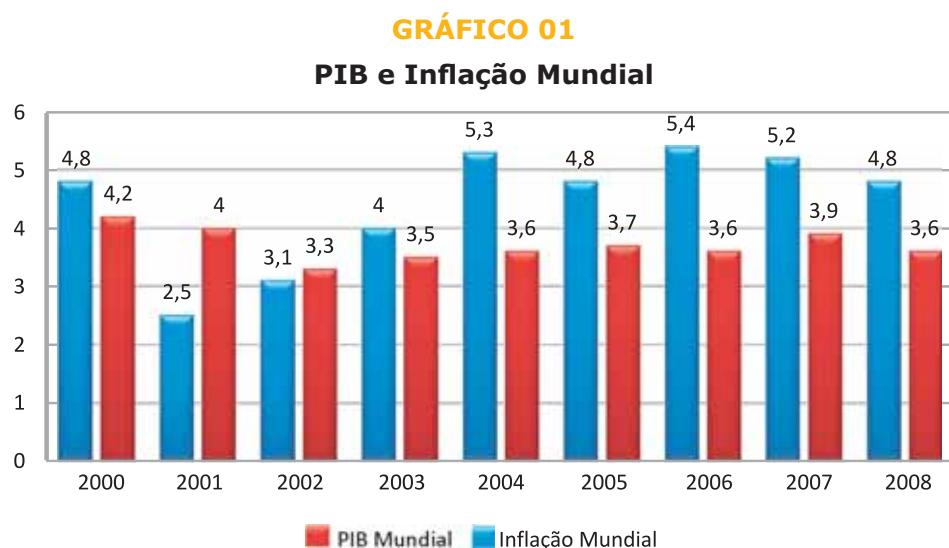
I. AMBIENTE ECONÔMICO

Ambiente Econômico Internacional

Informação divulgada pelo Fundo Monetário Internacional (*International Monetary Fund, WEO October, 2007*) sugeriu desaceleração do crescimento global no final do segundo semestre de 2007, principalmente, por causa da crise do setor financeiro dos Estados Unidos (setor imobiliário e mercado de crédito), que seguiu mais intensa do que se esperava na metade do ano. Esta turbulência verificada em meados de agosto e setembro ameaçou o bom desempenho, ininterrupto nos últimos anos, do crescimento global. (Gráfico 01)

Porém, ainda não é possível encerrar esta questão, pois as incertezas continuam e indicam que, dependendo do desenrolar dos acontecimentos nos Estados Unidos, poderá haver um novo cenário, quiçá menos favorável para o mundo em 2008.

Ainda, adicionada a esta crise, verificou-se, na comparação entre o primeiro e o segundo semestre de 2007, aumento do preço do petróleo (+32,5%) e dos alimentos (+15,5%),



Fonte: Fundo Monetário Internacional, WEO October 2007
Gráfico 01 - Desempenho da Economia Mundial - 2000 - 2008

Contudo, de acordo com o Banco Central do Brasil (Relatório de Inflação, Dezembro de 2007), as taxas de crescimento das principais economias excederam as expectativas no início do segundo semestre do ano passado. Nos Estados Unidos, graças à expressiva demanda interna (emprego e renda) e ao comércio exterior (depreciação do dólar e queda das importações). A área do Euro, fortemente influenciada pela demanda externa, teve, também, seu desempenho atrelado ao aumento do consumo interno. No Japão, além da elevação da demanda doméstica, houve aumento dos investimentos. Entre as economias emergentes, como a China e a Índia, a crise não alterou significativamente o deslocamento positivo da demanda, pois continuam fortes consumidores.

Assim, os resultados evidenciaram que o impacto da crise *subprime* foi grande, mas, não suficiente para retrair o consumo e a tendência de expansão da produção.

estes, demasiadamente expressivos, frente à queda dos preços agrícolas (-4,51%) e dos metais (-14,83%). Além do mais, a variação entre 2006 e 2007, mostrou elevação destes preços na maioria das *commodities*, explicando a pressão inflacionária observada no final do ano, que permanece e causa preocupação aos agentes econômicos quanto ao desempenho da economia mundial em 2008.

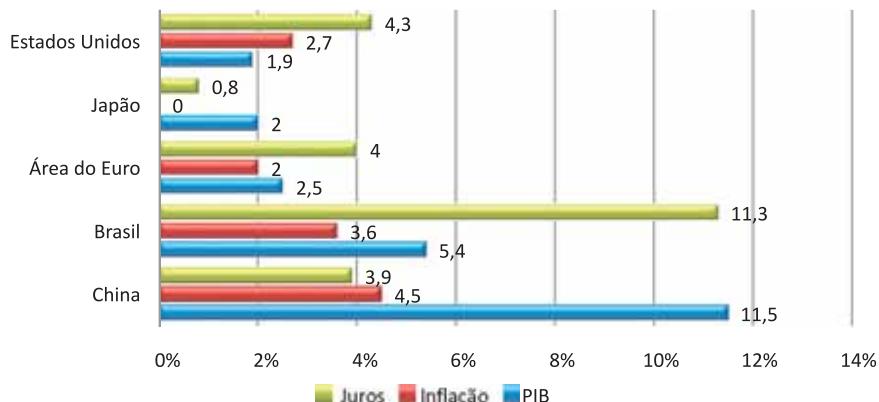
De acordo com Kenneth Rogoff, da Universidade de Harvard, a pouca rigidez da política econômica dos Estados Unidos, no início da crise, determinou o ritmo da inflação global, numa fração bastante representativa. Para ele, se a recessão dos EUA passasse de moderada para profunda, as implicações deflacionárias anulariam parte das pressões inflacionárias, pois haveria uma prostração repentina dos preços das *commodities* assim que aumentasse o desemprego e o excesso de capacidade produtiva.

Esta conjuntura contribuiu com o fraco desempenho do Japão, que obteve crescimento de apenas 2% a.a. na comparação entre 2006 e 2007 e justificou a conduta restritiva adotada pelo Banco Central Europeu (elevação de 0,25 p.p. da taxa de juros referencial).

Entre as economias emergentes verificaram-se bases para o crescimento global em 2008, pois, em 2007, China e Índia proporcionaram

os melhores desempenhos econômicos com crescimento de 11,5% a.a. e 8,9% a.a., respectivamente e, o Brasil colheu resultados positivos após, praticamente, uma década de gerenciamento cauteloso de sua política macroeconômica, registrando um crescimento de 5,4% PIB. (Gráfico 02)

GRÁFICO 02
Inflação, Juros e PIB - Variação %2006/2007



Fonte: FMI, WEO October 2007; Fed; BCE; Boj e Banco do Povo da China. IBGE.

Gráfico 02 - Variação do PIB, Inflação e Juros: 2006/2007

Ambiente Econômico Nacional

No quarto trimestre de 2007, o PIB a preços de mercado apresentou, segundo IBGE, elevação de 6,2%, na comparação com igual período do ano anterior, o que indica que aquele comportamento favorável divulgado para o terceiro trimestre (+5,6%) não só permaneceu, mas, melhorou.

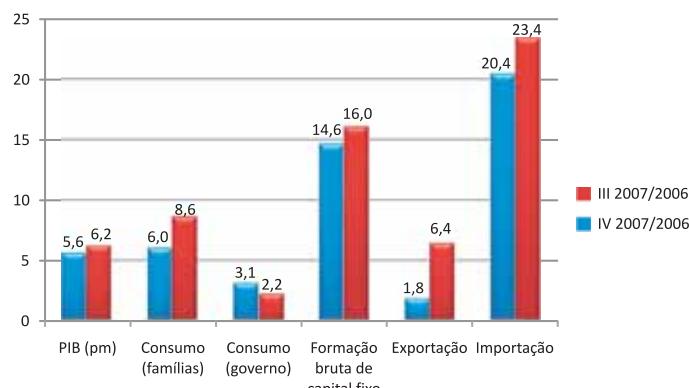
A relação obtida entre os dois últimos trimestres do ano passado, considerando o ajuste sazonal, mostrou que o setor de serviços apresentou a maior taxa de crescimento (+1,6%), seguido pela indústria (+1,4%). A indústria extrativa mineral, a produção e distribuição de insumos, como energia e água, contribuíram, significativamente, para a composição deste, e o comércio, a intermediação financeira, os serviços de logística e informação daquele. No entanto, a agropecuária não teve bom desempenho e acabou colaborando negativamente, com a taxa de 0,3%.

De qualquer forma, a taxa acumulada de crescimento do Produto Interno Bruto ao longo de 2007, em relação a 2006, foi expressiva (+5,4% a.a.) e, mais uma vez, foi influenciada pela elevada demanda doméstica, atendida pelo aumento da produção interna, que exigiu, também, aumento das importações de bens e serviços (+20,7%). Cabe enfatizar que a média da taxa de juros efetiva para o quarto trimestre de 2007 foi de 11,2% a.a., a menor entre os três primeiros trimestres do ano de 2007 (+12,9% a.a, +12,3 a.a e +11,5% a.a.).

As exportações de bens e serviços mantiveram-se em crescimento, registrando a taxa de 6,4%, no período. As Importações de Bens e Serviços apresentaram, mais uma vez, elevação nesta comparação (+23,4%). Os destaques da pauta de importação foram petróleo e gás, produtos químicos, máquinas e equipamentos e produtos da indústria automotiva.

GRÁFICO 03

Componentes da Demanda - Taxa (%) do Trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior



Fonte: IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).

Gráfico 03 - Componentes da Demanda: Variação trimestral 2006/2007

A conduta da inflação nos últimos meses de 2007 mostrou uma progressiva dissipação dos efeitos da elevação dos preços dos alimentos sobre os demais preços da economia. Contudo, conserva-se, segundo o Banco Central do Brasil, a perspectiva de aceleração generalizada dos preços.

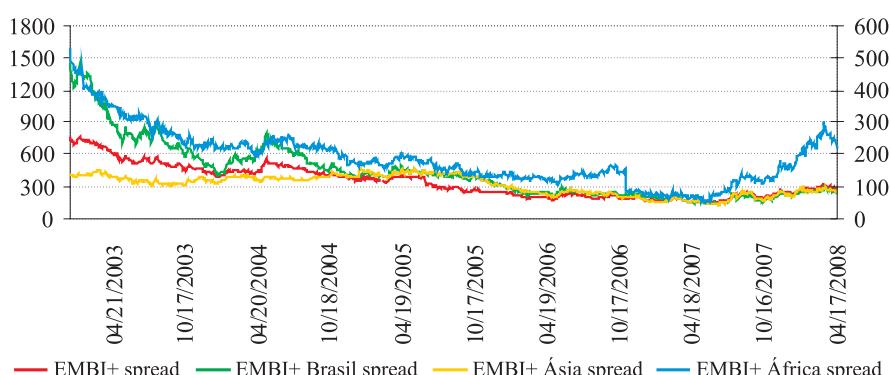
Apesar da relativa instabilidade do cenário externo, o crescente dinamismo do mercado interno indicou o cumprimento das metas de inflação e tranquilizou a ansiedade do mercado. O Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa), depois de acumular prejuízo no bimestre julho-agosto, recuperou a tendência de alta verificada no primeiro semestre e conseguiu, a partir de outubro, assinalar contínuos recordes (atingindo o máximo de 65.791 pontos e o mínimo de 59.069 pontos no trimestre encerrado em dezembro).

O risco país, índice denominado Emerging Markets Bond Index Plus (EMBI+), que na verdade, nada mais é além de uma sobretaxa que se paga em relação à rentabilidade garantida pelos bônus do Tesouro Americano, mostrou aumento do custo de captação das empresas dos países emergentes, porém este foi menor do que aquele vivenciado pelas empresas americanas, sobretudo aquelas do setor financeiro, que estão em destaque por causa da crise de inadimplência das hipotecas de alto risco dos Estados Unidos.

Assim, observa-se uma convergência deste indicador entre algumas economias, evidenciando o fato de este ter sido importante instrumento de análise de risco entre as empresas antes da turbulência americana. (Gráfico 04)

GRÁFICO 04

Análise Comparativa do Indicador (EMBI+) entre Economias



Fonte: Bond Market CBonds Information, (disponível em <http://www.cbonds.info/index/search.php>).

Anal

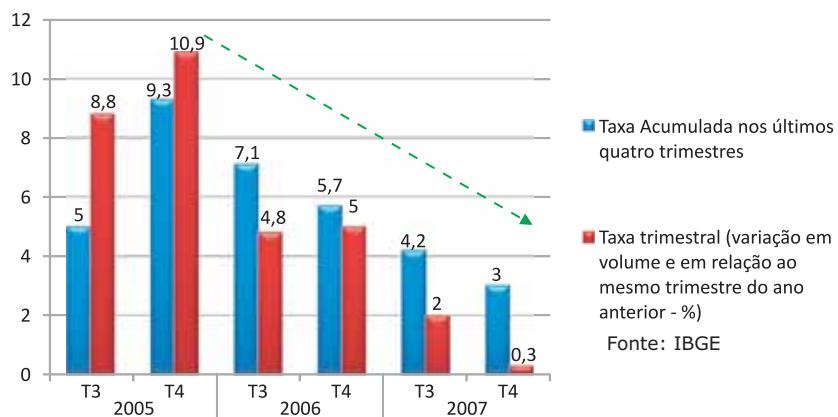
II. DESEMPENHO DO SETOR MINERAL

No segundo semestre de 2007 observou-se certa deterioração das expectativas quanto à continuidade da vigorosa da demanda por minerais, em função do desaquecimento das principais economias desenvolvidas mundiais, embora o consumo de países emergentes asiáticos tenha se mantido robusto. No mercado interno, o cenário de estabilidade macroeconômica, com expansão do crédito e do emprego, aliado aos efeitos da flexibilização da política monetária advinda da redução da taxa de juros básicos em períodos passados, favoreceu o desempenho da economia.

Ainda assim, segundo dados do IBGE, o crescimento da produção de minério de ferro de 11,8%

e 13,5% no terceiro e quarto trimestres de 2007, em relação ao mesmo período do ano anterior, não foi suficiente para compensar a desaceleração (e até o recuo verificado no último trimestre de 2007) da produção de petróleo e gás, provocada por paradas programadas em plataformas, aumento das importações, dentre outros. Desta forma, a indústria extractiva mineral cresceu respectivamente, 2% e 0,3% nos dois últimos trimestres de 2007, frente a iguais períodos de 2006, abaixo da variação da indústria, que foi de 5% e 4,3% nos trimestres citados. O setor de petróleo e gás representa 65% da composição do PIB da indústria extractiva mineral e o minério de ferro participa com 25%. (Gráfico 05)

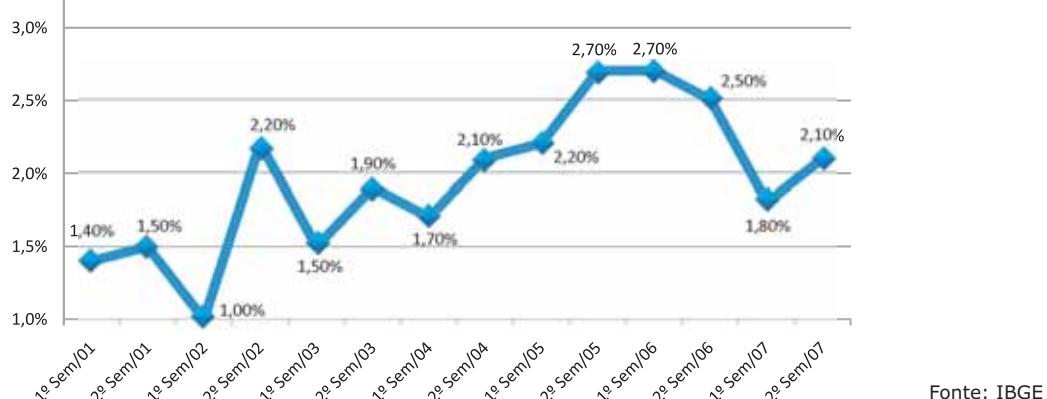
GRÁFICO 05
PIB da Indústria Extrativa Mineral



O valor adicionado a preços básicos da indústria extractiva mineral no segundo semestre de 2007 foi equivalente a R\$ 24.063 milhões, o

que representou a participação de 2,1% no PIB total do país. Em igual período de 2006, essa participação foi de 2,5%.

GRÁFICO 06
Participação da Indústria Extrativa Mineral no PIB Total
Valor adicionado a preços básicos



Desempenho das Empresas na BOVESPA

As notícias de desaceleração da economia norte-americana e os temores de impactos na demanda por minerais, embora tenham causado forte volatilidade, não impediram que as ações das mineradoras obtivessem desempenho positivo na Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA.

Com exceção das ações da Paranapanema, as demais empresas tiveram performance melhor que o Ibovespa, com destaque para a MMX, que se valorizou em 83% no semestre. A descoberta do megacampo de Tupi impulsionou as ações da Petrobras na segunda metade do ano. As ações da Vale, embora tenham sido influenciadas pela queda nos preços dos metais

(alumínio, níquel e cobre), também foram influenciadas pelas expectativas positivas quanto ao reajuste do minério de ferro para os contratos de 2008. Aliás, o negócio de minério de ferro da Casa de Pedra e sua possível expansão, assim como a demanda por aço no Brasil e no mundo explicam a valorização obtida pelas ações da CSN.

Juntas, as ações de Vale, Petrobras e CSN representam cerca de 33% do Ibovespa, que é um índice de referência para diversos fundos de ações do mercado. Portanto, parte relevante do desempenho positivo do índice no semestre deve-se à performance das ações destas empresas.

QUADRO 01

Valorização das ações na BOVESPA - 2º semestre/2007

Empresa	Ação	Segmento	Valorização
MMX	MMXM3	Minerais Metálicos	83,4%
Petrobras	PETR4	Petróleo	74,5%
CSN	CSNA3	Siderurgia e Mineração	61,1%
Magnesita	MAGS5	Materiais Diversos	49,5%
Fosfértil	FFTL4	Materiais Básicos	42,7%
Vale	VALE5	Minerais Metálicos	41,1%
Ibovespa			13,4%
Paranapanema	PMAM4	Cobre	-43,4%

Preços dos Metais Não Ferrosos

Embora continuem acima dos patamares históricos, os preços dos metais não ferrosos negociados na *London Metal Exchange* - LME sofreram volatilidade no segundo semestre de 2007. Mais uma vez, as incertezas relacionadas aos possíveis efeitos da crise da economia dos Estados Unidos, desencadeada por problemas no segmento imobiliário relacionados com hi-

potecas *subprime* e os incrementos de oferta fizeram com que os preços do alumínio, cobre, níquel e zinco recuassem nessa ordem, 11%, 12%, 38% e 35%. Na direção contrária, chumbo e estanho tiveram suas cotações aumentadas em 7% e 15% respectivamente, devido à manutenção dos fundamentos de seu mercado: estoques em baixa e demanda crescente.

QUADRO 02

Preços Médios Oficiais - US\$ - Cash buyer

Metais	Local	Unidade	Cotação Média		Variação	
			jun/07	dez/07	2º sem/07	2007
Alumínio	LME	US\$/t	2.676	2.381	-11,1%	-15,4%
Cobre	LME	US\$/t	7.473	6.585	-11,9%	-1,3%
Chumbo	LME	US\$/t	2.424	2.595	7,0%	50,6%
Níquel	LME	US\$/t	41.691	25.966	-37,7%	-24,8%
Estanho	LME	US\$/t	14.092	16.241	15,2%	45,8%
Zinco	LME	US\$/t	3.602	2.352	-34,7%	-46,6%

Fonte: LME

Quadro 02 - Variação dos preços dos materiais não ferrosos

A oscilação dos preços do alumínio deveu-se principalmente a rumores de elevação da produção norte-americana e aumento de 12,7% nos estoques. De acordo com a Associação Internacional do Alumínio, a produção mundial do metal primário cresceu 6,24% no segundo semestre de 2007. As cotações do cobre foram impactadas pelo enfraquecimento da demanda dos Estados Unidos, especialmente do mercado imobiliário e setor automobilístico, importantes

consumidores e pelo aumento da produção chinesa. Esse foi também o principal motivo das quedas nos preços do zinco. Crescimento da produção e redução do consumo em função da substituição do aço inox por materiais mais baratos e enfraquecimento da demanda dos Estados Unidos afetaram o desempenho dos preços do níquel.

Índice de Preços por Atacado

O Índice de Preços por Atacado (IPA) fechou o segundo semestre de 2007 com alta de 8,68% em relação ao primeiro semestre e de 9,44% em relação ao mesmo semestre do ano anterior. A variação negativa das cotações dos metais não ferrosos chegou a 9,08% no segundo semestre, repetindo a direção do comportamento verificado na Bolsa de Metais de Londres. O grupo de ferro, aço e derivados, embora tenham permanecido estáveis no semestre, sofreram alta de 3,32% no ano. Já os minerais não metálicos sofreram maior intensidade de reajustes no segundo semestre, com 7,42% ante 0,37% no semestre anterior.

Assim, considerando-se a ponderação de cada grupo de bens que compõem o seu cálculo, a indústria extractiva mineral teve seus preços reduzidos em 4,73% no segundo semestre de 2007 e 1,18% no ano.

O IPA representa 60% no cálculo do Índice Geral de Preços (IGP) é formado também pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC) e o pelo Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) que representam respectivamente, 30% e 10%. Já o IGP é comumente utilizado na indexação de contratos.

QUADRO 03

Índice de preços por atacado

Período	IPA - Oferta Global		Indústria Extrativa Mineral		Minerais Não Metálicos		Ferro, Aço e Derivados		Metais Não Ferrosos	
	Δ% ¹	Δ% ²	Δ% ¹	Δ% ²	Δ% ¹	Δ% ²	Δ% ¹	Δ% ²	Δ% ¹	Δ% ²
2007	9,44	9,44	(1,18)	(1,18)	7,82	7,82	3,32	3,32	(10,22)	(10,22)
1º SEM 2007	0,70	0,70	3,73	3,73	0,37	0,37	3,33	3,33	(1,26)	(1,26)
2º SEM 2007	8,68	9,44	(4,73)	(1,18)	7,42	7,82	(0,00)	3,32	(9,08)	(10,22)
julho-07	0,42	1,13	(1,50)	2,17	0,79	1,17	(0,48)	2,83	(2,80)	(4,02)
agosto-07	1,96	3,10	(0,49)	1,67	0,55	1,72	0,54	3,39	1,42	(2,65)
setembro-07	1,64	4,79	1,77	3,47	1,25	3,00	0,39	3,79	(3,50)	(6,06)
outubro-07	1,02	5,86	(0,76)	2,69	2,38	5,44	(0,04)	3,75	0,44	(5,64)
novembro-07	1,45	7,40	(2,37)	0,26	1,73	7,27	(0,41)	3,33	(3,28)	(8,73)
dezembro-07	1,90	9,44	(1,43)	(1,18)	0,51	7,82	(0,00)	3,32	(1,63)	(10,22)

Fonte: Conjuntura Econômica (FGV) apud in Ipeadata (<http://www.ipeadata.gov.br>). Δ%¹ = variação em relação ao período imediatamente anterior; Δ%² = variação acumulada em relação a dezembro/2006.

ALUMÍNIO

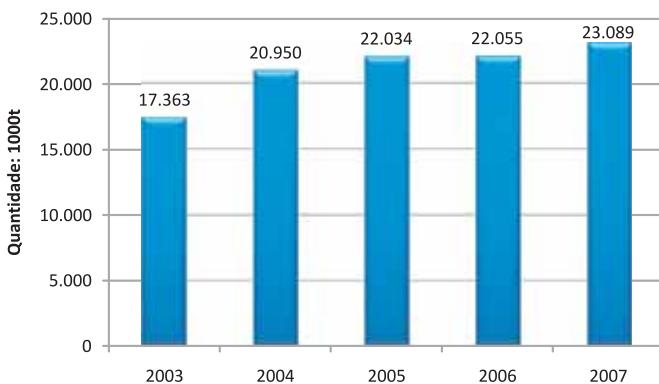
Raimundo Augusto Corrêa Mártires - Geólogo

Em 2004 a produção brasileira de bauxita rompeu a barreira de 20 milhões de toneladas (t) e, a partir daí, verificou-se uma tendência de estabilização no patamar de 22 milhões de t até 2006. Entretanto com a entrada em operação da mina da Vale no Pará em 2007 produzindo 1,86 milhão de t, ultrapassou as 23 milhões de t. No segundo semestre de 2007 a produção foi de 12,1 milhões de t, sendo 12% superior em relação a 2006 com a Vale contribuindo com 1 milhão de t.

A Mineração Rio do Norte é a principal empresa produtora respondendo por 78,1%, seguida da Companhia Brasileira do Alumínio - CBA do Grupo Votorantim com 12,5%, Vale com 8,1% e Mineração Curimbaba com 1,3% da produção nacional. A produção de bauxita utilizada na metalurgia do alumínio responde por 96% do total, sendo os 4%

GRÁFICO 07

Produção Brasileira de Bauxita



Fonte: DNPM / DIDEM / IPM

restantes utilizados nos setores de abrasivos e produtos químicos. O mercado interno respondeu por aproximadamente 75%, sendo responsável pelo abastecimento das refinarias da Alumar a Alunorte para produção de alumina que posteriormente deverá ser utilizada na produção de alumínio.

AMIANTO-CRISOTILA

Osvaldo Barbosa Ferreira Filho – Geólogo
Normando Queiroga – Geólogo

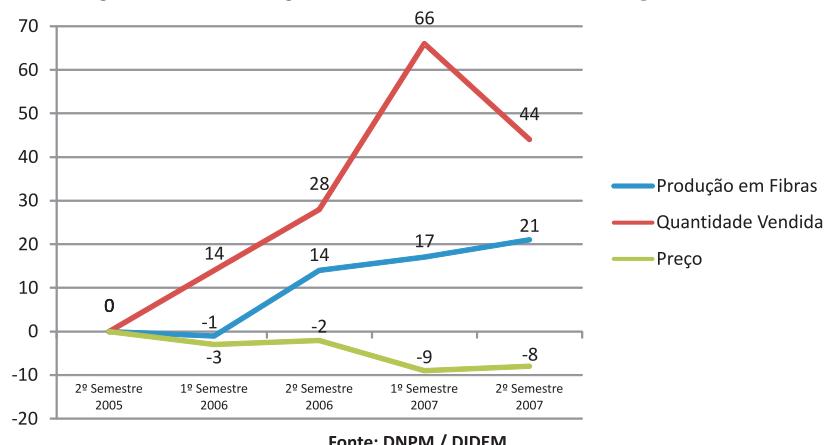
Em 2007 a produção foi a máxima da capacidade instalada de 270 mil toneladas. Considerando o 2º semestre de 2005 como início, a produção de fibra caiu 1% no semestre seguinte e em seguida cresceu sempre até o 2º semestre considerado de 2007. A SAMA realizará no início de 2008 investimentos para ampliar a capacidade de produção para 295.000 t no ano, e desenvolve estudos para nova ampliação em 2009.

O aumento da produção brasileira está relacionado à maior demanda por produtos de fibrocimento nos países em desenvolvimento para moradia e água potável. Atualmente a produção mundial de fibras (99,9%) é de crisotila, onde 98% é utilizado em produtos de fibrocimento, 1% em produtos de fricção e 1% na indústria têxtil e outros fins.

Considerando os diversos cenários que se apresentam, acredita-se que até 2010 o consumo de fibrocimento cresça numa taxa média de 10% ao ano. Avolumam-se anseios por moradia, principalmente para a população de baixa renda, consumidores dos produtos de fibrocimento, devendo ser este um dos grandes desafios a serem enfrentados nesta década, além do saneamento básico e infraestrutura que pressionarão o consumo de amianto-crisotila nesse quinquênio, dentro do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC) promovido pelo Governo Federal.

GRÁFICO 08

Variação da Produção de Amiante-Crisotila por semestre



CAULIM

Raimundo Augusto Corrêa Mártilres - Geólogo
Glória Lorena Sousa Sena - Geóloga

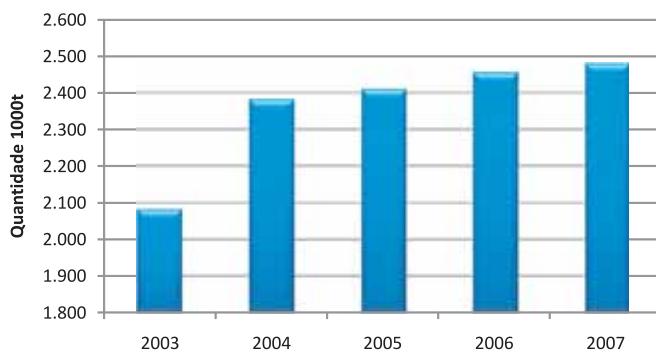
Em 2003 a produção brasileira de caulim rompeu a barreira de 2 milhões de toneladas (t) chegando a 2,4 milhões t em 2004. No segundo semestre de 2007 a produção foi de 1,24 milhões de t, superior 6,3% ao mesmo período do ano anterior, resultado do aumento na produção da PPSA de 20,3%. Assim, a produção acumulada em 2007 foi de 2,48 milhões de t. Três empresas respon-

dem por 95% do caulim produzido no Brasil. A Imerys Rio Capim Caulim S/A – IRCC mantém a liderança da produção nacional respondendo por 40%, seguida de Caulim da Amazônia S/A (CADAM) com 28%, Pará Pigmentos S/A (PPSA) com 26% e outras empresas com 5%.

O caulim é utilizado em diversos setores industriais em todo o mundo, destacando-se o de papel (cobertura e enchimento) que consome 45%, seguido o de cerâmica (porcelana, cerâmica branca e materiais refratários) com 31% e o restante, 24% divididos entre tintas, borrachas, plásticos e outros. Seu principal competidor, na indústria de papel é o carbonato de cálcio. As exportações no período de 1,2 milhões de t permaneceram no mesmo nível de 2006, demonstrando que a produção brasileira tem seu principal mercado no exterior.

GRÁFICO 09

Produção de Caulim



Fonte: DNPM / DIDEM / IP

CHUMBO

Benedito Célio Eugênio da Silva - Geólogo

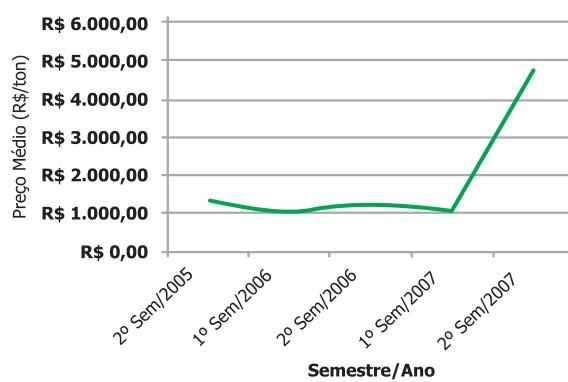
O primeiro semestre do ano de 2007 iniciou demonstrando uma demanda superior a oferta em torno de 100 KT do metal na Bolsa de Metal de Londres (LME). Sugiram também, os acontecimentos da proibição da exportação australiana, o acidente na fundação no Peru e a greve dos mineiros peruanos. Isto causou incerteza quanto ao abastecimento do mercado, refletindo, com maior intensidade no segundo semestre que respondeu com a elevação do preço do chumbo.

No Brasil o aumento expressivo do preço aconteceu no segundo semestre de 2007, quando atingiu 341,10%, sendo que no primeiro semestre o chumbo foi negociado a R\$ 1.082,74 a tonelada de chumbo contido no concentrado, enquanto que no segundo semestre alcançou o recorde de R\$ 4.776,00 por tonelada de Pb contido no concentrado.

A produção brasileira vem crescendo a cada semestre, em 2006, registrou 6,1% e em 2007 atingiu 3,1%. Isto demonstra o interesse dos mineradores em aproveitar os preços em alta.

GRÁFICO 10

Preço médio de venda do chumbo



ESTANHO

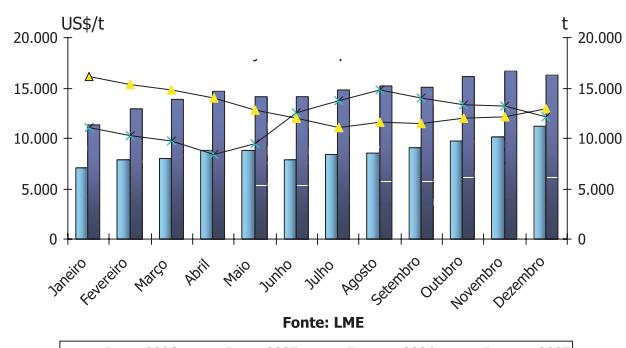
Antonio Fernando da Silva Rodrigues – Geólogo

A oferta mundial de Sn-metálico alcançou a ordem de 347,3 mil t em 2007, registrando-se uma leve queda de -2,3% em relação a 2006. A China mantém a hegemonia na produção mundial (41,5%) seguida pela Indonésia (23,1%), Peru (10%), Malásia (7,3%) e Tailândia (5,7%). O Brasil, com uma produção de 10,2 t, 28% acima da registrada em 2006, respondeu por apenas 2,9% do total mundial (DNPM, 2008; CRU, 2008).

Conforme a LME, o estanho volta a ocupar posição de destaque entre as *commodities* (metais não-ferrosos) negociadas na bolsa inglesa, com uma evolução dos preços em 43,1% de jan-dez 2007, fechando o ano com uma cotação média de US\$ 16,263.00/t Sn-metálico. Os níveis de estoques na LME continuam em níveis considerados baixos, favorecendo o ciclo altista de preços do metal (média anual: 11,9 mil t).

GRÁFICO 12

Sn-Metálico - Preços Vs Estoques - LME

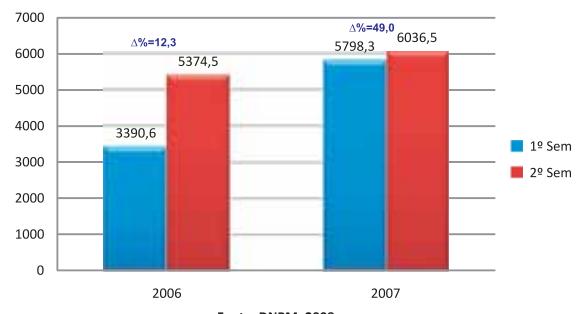


Fonte: LME

Preço 2006 Preço 2007 Estoque 2006 Estoque 2007

GRÁFICO 11

Produção de Sn-CONTIDO

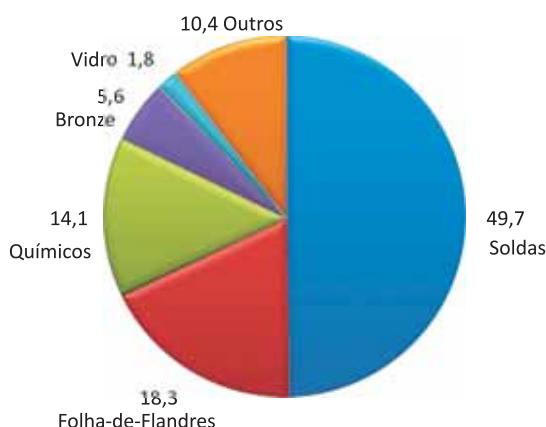


Fonte: DNPM, 2008.

Ao se analisar o comportamento histórico recente dos principais usos-fins do Sn-metálico, pode-se observar um significativo avanço do segmento eletro-eletrônico (soldas: 49,7%), quando comparado à tradicional aplicação no revestimento de folha-de-flandes (18,3%). O fato pode ser explicado pela restrição progressiva da combinação do chumbo na composição das soldas, implicando no maior adicional de Sn-metálico. Nessa perspectiva, importa enfatizar, vários países já aderiram a 'onda internacional' pró-banimento do chumbo, o que tem favorecido uma maior demanda pelo estanho e consequente pressão nos estoques e preços.

GRÁFICO 13

Usos do Estanho



Fonte: CRU/ITRI.



FERRO

Carlos Antonio Gonçalves de Jesus Engenheiro Metalurgista

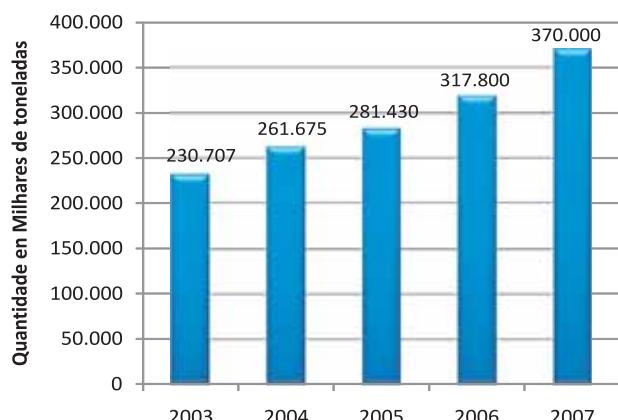
A produção brasileira de minério de ferro em 2007 está estimada em cerca de 370,0 Mt (milhões de toneladas). A Companhia Vale do Rio Doce e as empresas nas quais a CVRD tem participação produziram 340 Mt (17,42% a mais que em 2006), assim distribuídas: CVRD - 257,4 Mt (+ 29,98% em relação a 2006), Minerações Brasileiras Reunidas S/A-MBR - 64,9 Mt (+5,16%), Samarco Mineração S/A - 16,4 Mt (+4,28%), Urucum Mineração S/A - 1,1 Mt (-22,0%). A Companhia Siderúrgica Nacional-CSN produziu 14,3 Mt (+9,4%). A produção brasileira de pelotas totalizou 54,0 Mt (+7,0% em comparação com 2006). A CVRD produziu, nas Usinas do Complexo do Porto de Tubarão/ES, Usina de Ponta da Madeira/MA e Usina de

Fábrica/MG, 36,9 Mt (+8,72%). A SAMARCO produziu, em suas usinas instaladas em Ponta do Ubu/ES, 13,9 Mt (+2,6%).

As exportações de minério de ferro e pelotas em 2007 atingiram 269,5 Mt, com um valor de US\$-FOB 10,6 milhões e um preço médio de US\$-FOB 39,18/t. Em comparação com 2006, houve um aumento de 11,10% na quantidade exportada e de 17,98% no valor das exportações. A China continua sendo o principal destino das exportações brasileiras e, em 2007, absorveu 33,0% dessas exportações. Outros países de destino foram: Japão (13,0%), Alemanha (10,0%), França e Coréia do Sul (5,0% cada).

GRÁFICO 14

Produção Brasileira de Minério de Ferro



A USIMINAS passou a integrar o setor de produção de minério de ferro, com a aquisição do Grupo J. Mendes, que detém concessões de lavoura nos municípios de Itatiaiuçu, Mateus Leme e Ouro Preto/MG. Os projetos em andamento e/ou previstos no setor de minério de ferro totalizam US\$25,1 bilhões em investimentos até 2012, com destaque para a CVRD (US\$18 bilhões), MMX (US\$ 2,38 bilhões), CSN (US\$ 1,5 bilhão) e SAMARCO (1,18 bilhão).

FOSFATO

Vanessa Rodrigues dos Santos Cardoso – Especialista em Recursos Minerais
Antonio Eleutério de Souza - Geólogo

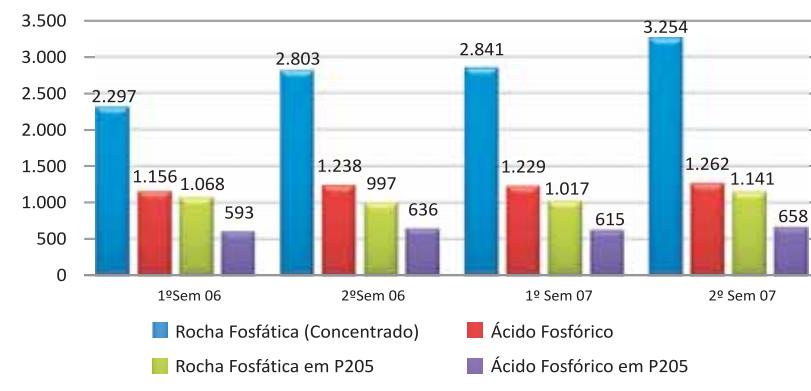
A demanda mundial por produtos agrícolas aquecida impulsionou o mercado de fertilizantes, maior consumidor de fosfato que, no ano de 2007 demandou 17,3% acima de 2006, segundo dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos – ANDA. Embora seja abastecido em sua maior parte por produtos importados, a produção interna de fertilizantes subiu 11,9% em 2007, contribuindo para o crescimento da oferta de fosfato.

Favorecida por este cenário, a produção do concentrado de rocha fosfática no segundo semestre de 2007 chegou a 3,2 milhões

de toneladas (Mt), 16% acima do verificado no mesmo período do ano anterior. A produção

GRÁFICO 15

Produção de Fosfato



Fonte: ANDA /DNPM

de 2007 cresceu 5,1% em relação a 2006, atingindo 6,09 Mt que, dado o teor médio de 35,4%, significa 2,157 Mt em fósforo (P_2O_5). Já a oferta interna de ácido fosfórico de 1,262 Mt apresentou crescimento de 2% no segundo semestre sobre igual período de 2006.

O ambiente positivo tem se refletido na divulgação de novos projetos. A FOSFERTIL, maior

empresa fornecedora de insumos fosfatados para a indústria de fertilizantes, anunciou um plano de investimentos de R\$ 271 milhões até 2010 para produzir 3,5 Mt de rocha fosfática e aumentar em 27% sua produção do ácido fosfórico. A COPEBRAS estuda a possibilidade de ampliação de sua capacidade de produção de concentrado de fósforo para 2 Mt/ano.

GRAFITA NATURAL

Maria Alzira Duarte- Economista

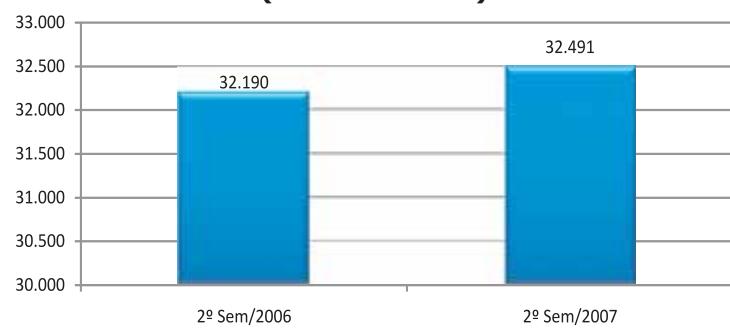
A produção brasileira de concentrado de grafita natural beneficiada no segundo semestre do ano de 2007 foi de 32,5 mil toneladas. Comparativamente com o 2º semestre de 2006 (32,2 mil toneladas) a produção cresceu apenas 1%. A produção brasileira de grafita vem se mantendo estável ao longo dos últimos três anos. No ano de 2007, a Empresa Nacional de Grafite Ltda (maior produtora brasileira e que lava no Estado de Minas Gerais) apresentou redução na produção do concentrado de grafita, já que produziu 28,4 mil toneladas no 2º semestre/2006 e 26,1 mil toneladas no 2º semestre/2007. No mesmo período, a Empresa Extrativa Metalquímica S.A., que lava no Estado da Bahia, aumentou sua produção em 67,75%, produzindo 3.828,97 toneladas no 2º semestre/2006 e 6.423,17 no 2º semestre/2007.

Os preços por tonelada de concentrado de grafita natural apresentaram pequena variação. No 2º semestre/2007 o preço médio foi de R\$ 1.285,05 representando uma redução de 4,4% em relação ao mesmo período de 2006. No mercado mundial de grafita natu-

ral observa-se uma pequena diminuição na produção e há o conhecimento de que novas tecnologias e técnicas de purificações mais eficazes de processamento da substância vêm sendo desenvolvidas, aumentando as possibilidades de aplicabilidade. As perspectivas de crescimento da indústria extractiva de grafita natural estão fortemente ligadas à utilização final da substância e ao alargamento do seu espectro de aplicações.

GRÁFICO 16

**Produção Beneficiada de Grafita Natural
(em toneladas)**



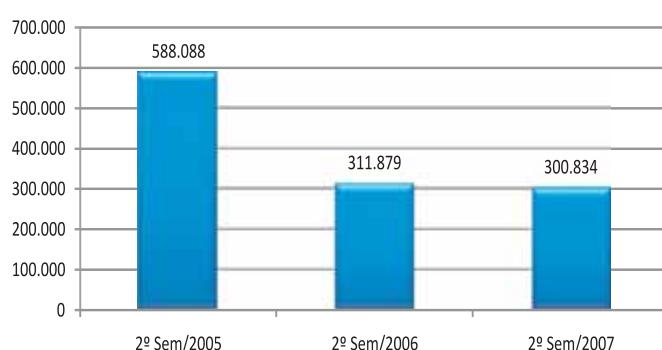
Fonte: DNPM / DIDEM / IPM

MANGANÊS

André Luiz Santana – Especialista em Recursos Minerais

GRÁFICO 17

**Produção de Concentrado de Manganês
(em toneladas)**



Fonte: DNPM / DIDEM / IPM

No segundo semestre de 2007, a produção de manganês foi da ordem de 300.000 t, segundo informações das empresas produtoras localizadas no território nacional. Esta produção mostra que houve um decréscimo em relação ao mesmo período do ano anterior em torno de 3,5%, diferentemente do ocorrido na quantidade vendida que teve um incremento de aproximadamente 85%, totalizando mais de 409.000 t comercializadas.

Com relação ao valor da produção, houve um aumento de cerca de 150% chegando assim a cifra de mais de R\$ 88 milhões de reais.

NÍQUEL

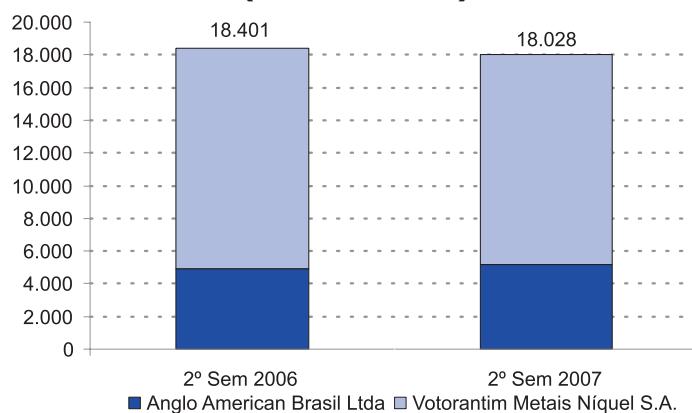
Cristina Socorro da Silva – Economista

Em 2007, as principais empresas produtoras de níquel no Brasil, somaram uma produção em 55.634 t do metal contido no minério. O grupo Votorantim, que detém 80% da oferta no mercado, foi responsável pela queda na produção, relativo ao ano anterior, pois efetuou um erro no cálculo da sua produção contida no minério. Pela metodologia antiga, a massa do metal contido, era calculada pela multiplicação do teor do minério em base seca e pela nova metodologia, calcula-se o teor do minério em base úmida. O grupo Anglo American detém 19% da produção e o restante é somado à produção da Cia de Nickel do Brasil.

As exportações de níquel aumentaram 80,59%, em 2007 e também em todas as suas espécies em relação ao ano anterior, totalizando US\$ 641,337,000,00 em entrada de divisas para o País. Fato este explicado pelo crescente aumento na demanda por aço inoxidável, com destaque os manufaturados, ligas de níquel e semimanufaturados: mates e catodos de níquel não ligado, que apresentaram também um acréscimo médio de 80,0%. Os principais países de destino foram: Alemanha, Argentina, Áustria, Cingapura, Estados Unidos, Finlândia, Holanda, Itália, Japão, Vietnã

GRÁFICO 18

Produção Nacional de Níquel* (em toneladas)



Fonte: DNPM / DIDEM / IPM

*Obs.: Ni contido no minério

NIÓBIO

Rui Fernandes Pereira Júnior – Especialista em Recursos Minerais

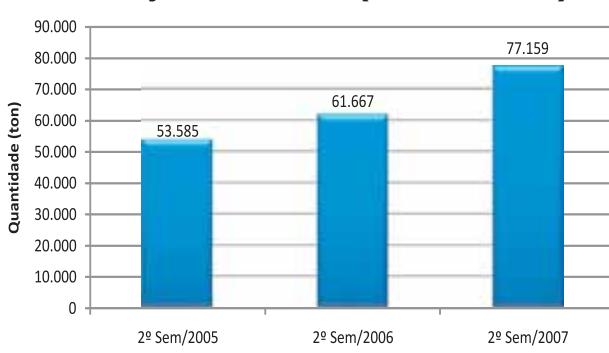
A quantidade produzida de óxido de nióbio no segundo semestre de 2007 foi de 77.159 t. Isto representa um aumento de 26,35% em relação ao mesmo período de 2006, quando foram produzidos 61.087 t e um aumento de 44,53% em relação ao mesmo período de 2005, quando foram produzidos 53.385 t. Esta variação ocorreu principalmente em função dos países asiáticos, como a China, cujo forte crescimento de sua economia tem provocado uma demanda maior por commodities agrícolas e minerais, inclusive o nióbio e seus derivados.

No segundo semestre de 2007, de acordo com dados da SECEX/MDIC, foram gerados US\$ (FOB) 644.251.717,00 em divisas, originadas das exportações da liga FeNb. A quantidade

exportada foi de 38.004 t, um aumento de 22% em relação ao mesmo período de 2006 e de 12% em relação ao semestre anterior.

GRÁFICO 19

Produção de Nióbio (concentrado)



Fonte: DNPM / DIDEM / IPM

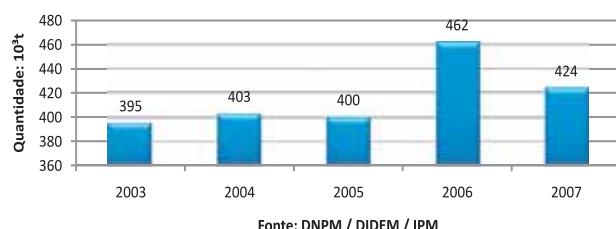
POTÁSSIO

Luiz Alberto Melo de Oliveira – Geólogo

No contexto mundial o Brasil destaca-se como grande consumidor e importador de potássio fertilizante. A produção interna de cloreto de potássio, iniciada no ano de 1985, está restrita ao Complexo Mina/Usina de Taquari/Vassouras, no Estado de Sergipe, única fonte doméstica de produção de potássio fertilizante, atualmente a cargo da Companhia Vale do Rio Doce – CVRD, arrendatária da concessão de lavra, de titularidade da Petróleo Brasileiro S/A – PETROBRAS.

GRÁFICO 20

**Produção de Interna de Potássio Fertilizante
Complexo Mina/Usina Taquari/
Vassoura/ Sergipe
(103t K2O Equivalente)**



Fonte: DNPM / DIDEM / IPM

Embora tenha apresentado crescimento no ano de 2006, a produção de cloreto de potássio no Complexo Mina/Usina de Taquari/Vassouras apresentou, em 2007, uma queda em relação ao ano anterior, sendo essa produção insuficiente ante à demanda interna pelo produto. Em 2007 a produção interna de potássio ficou em torno de 10% do consumo interno aparente, sendo o restante suprido via importação, que atingiu no referido ano 4.057.387 t. de K₂O equivalente, com valor FOB de US\$ 1.500.059 x 10³.

Além das reservas de silvinita (KCl+NaCl), principal minério de potássio existente nos Estados de Sergipe e do Amazonas, há, ainda, em Sergipe, importantes depósitos de carnalita (KCl.MgCl₂.6H₂O). A CVRD já concluiu a perfuração de dois poços na sub-bacia evaporítica de Taquari/Vassouras, para a implantação de um Teste Piloto, visando a definição de parâmetros de mineração, objetivando a viabilização do aproveitamento dos depósitos de carnalita por processo de dissolução.

ROCHAS ORNAMENTAIS

Mathias Heider – Especialista em Recursos Minerais

A produção de rochas ornamentais, em 2007, segundo a ABIROCHAS atingiu 7.971 milhões de toneladas, representando um crescimento de 6,0% em relação à 2006. O mercado externo demandou 3.373.422 toneladas (42,3%) e o interno, 4.598.384 toneladas (+8,0%). Estima-se para o mercado interno um crescimento de 10% em 2008, demandando cerca de 5,06 milhões de toneladas de rochas ornamentais.

No período de janeiro a fevereiro de 2008, foram exportados US\$ 133,8 milhões em rochas ornamentais (redução de 3,42% no mesmo período do ano passado), projetando-se um total de US\$ 1,045 bilhão para 2008 (redução de 4% em relação à 2007, que atingiu 1,09 US\$ bi). A redução do crescimento da economia norte-americana, redução dos preços de imóveis e contaminação do balanço dos bancos contribuíram para uma redução expressiva

do ritmo de crescimento das vendas para os EUA (2007: 636,1 US\$ milhões e em 2006, 631,8 US\$ milhões). Observa-se também um aumento do risco de inadimplência nas vendas ao mercado norte-americano. A taxa de câmbio em 2007 também manteve o seu impacto negativo, onerando as margens de lucro nas exportações. Devido à concorrência no mercado externo, estima-se redução no valor exportado com crescimento do volume físico

As importações de rochas atingiram em 2007, o total de US\$42,4 milhões (+44,6% em relação à 2006). O crescimento da demanda do mercado interno de obras de alto padrão e valorização do real permitem estimar nova elevação das importações em 2008.

ZINCO

Carlos Augusto Ramos Neves – Economista

A produção nacional de zinco provém de três minas, localizadas em dois Estados e operadas por duas empresas. A Votorantim Metais Zinco S/A, com suas jazidas e metalúrgicas situadas em Minas Gerais, realiza os processos de lavra e de concentração nos municípios de Vazante e Paracatu e de refino em Três Marias e Juiz de Fora. Enquanto no Estado do Mato Grosso, município de Rio Branco, a Prometálica Mineração Ltda. limita-se à extração e beneficiamento de seus minérios.

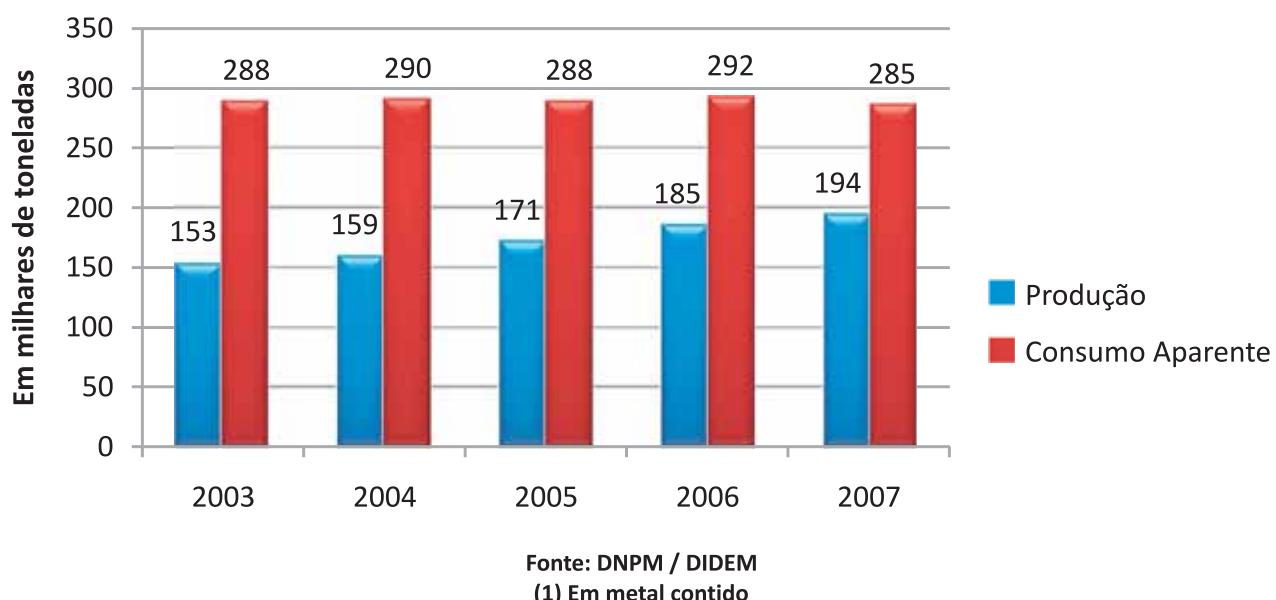
O minério nacional tem sido insuficiente para atender às necessidades internas do parque

metalúrgico, muito embora a produção brasileira venha apresentando um ritmo de crescimento nos últimos anos. Dados preliminares de 2007 indicam que a produção de concentrado de zinco, em termos de metal contido, atingiu 193.900 mil toneladas, superior 4,7% em relação à igual período de 2006 e representando cerca de 68% do total consumido.

Para aumentar a atual capacidade de produção de zinco contido no concentrado de 152 mil para 200 mil t/ano, em 2010. A Votorantim Metais Zinco S/A programa investir R\$ 369 milhões nas suas jazidas em Vazante (MG).

GRÁFICO 21

**Evolução da Produção e Consumo de Concentrado¹ de Zinco
2003-2007**

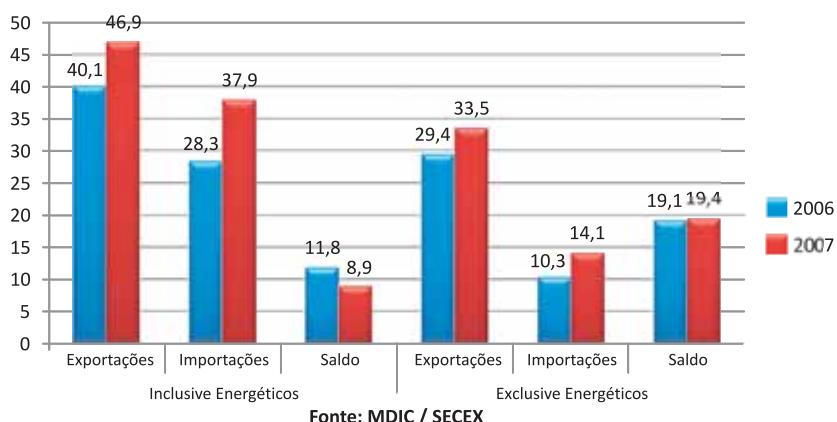


III. COMÉRCIO EXTERIOR

Em 2007, o setor mineral brasileiro movimentou US\$ 84,8 bilhões FOB com importações e exportações de 435.701 milhões de toneladas (Mt) de bens primários, semimanufaturados, manufaturados e compostos químicos. O saldo comercial decresceu 24% em relação a 2006, mas permaneceu superavitário, sendo equivalente a US\$ 8,9 bilhões FOB. O decréscimo

pode ser explicado pelo aumento de 34% das importações frente ao crescimento de 17% das exportações no período. Destaque-se que as importações de petróleo, principal produto desta pauta, cresceram 31% em 2007. Excluindo-se os energéticos, o saldo comercial manteve-se praticamente estável, crescendo 1,4% sobre o ano anterior.

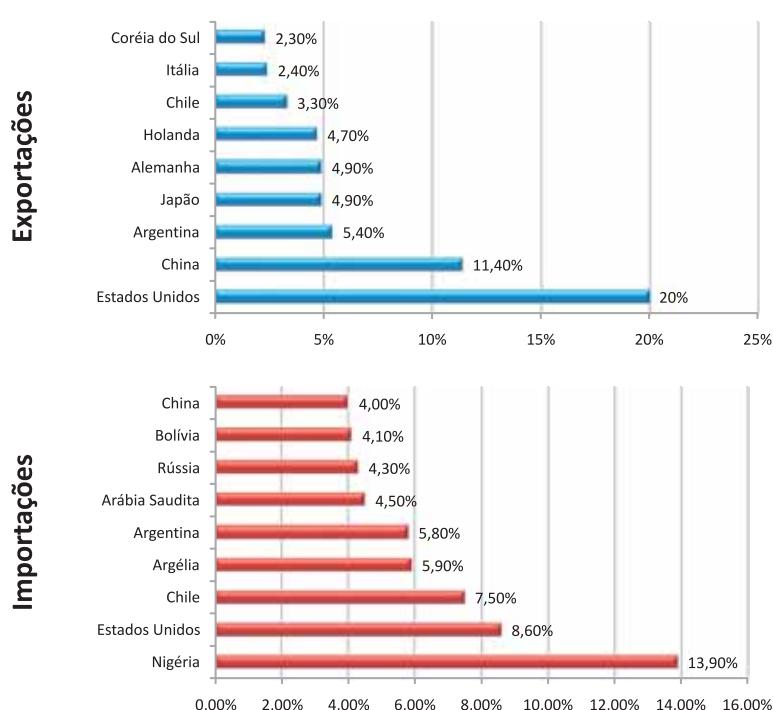
GRÁFICO 22
Comércio Exterior do Setor Mineral - (em US\$ Bilhões FOB)



Os destinos das exportações em 2007 foram principalmente Estados Unidos, China e Argentina, enquanto que no Brasil entraram

bens advindos primeiramente da Nigéria, dos Estados Unidos e do Chile.

GRÁFICO 23
Comércio Exterior do Setor Mineral por Países - 2007



EXPORTAÇÕES

No ano passado foram exportadas 342.402 Mt, sendo que desse total 89% eram bens primários, mais especificamente minério de ferro, com 269.448 Mt. As exportações minerais, excluindo-se os energéticos alcançaram a marca de 310.592 Mt, equivalentes a US\$ 33,4 bilhões FOB. Em relação a 2006, houve maior crescimento dos valores (14%) em relação às quantidades (9%). Obviamente, o crescimento em valores inclui o crescimento em quantum.

Vale a pena ressaltar que o minério de ferro respondeu por 87% das toneladas exportadas, mas apenas por 32% em valores, com US\$ 10,6 bilhões FOB. Os principais produtos da pauta de exportações de bens primários além do ferro foram o petróleo, cobre, rochas ornamentais e caulim. Quanto ao destino desses bens, destacam-se China e Estados Unidos, com 39% das vendas.

QUADRO 04

Exportações de Bens Primários - 2007

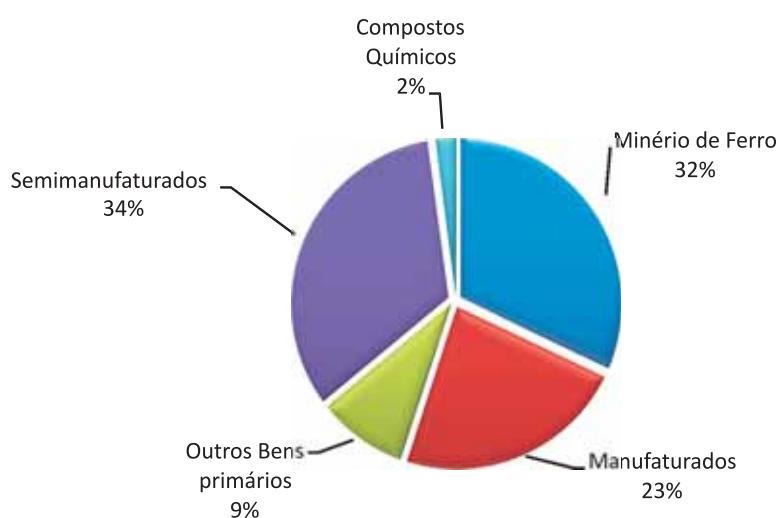
Países	Valor US\$ FOB Milhões	(%)
China	4.737	21,2%
Estados Unidos	4.038	18,1%
Alemanha	1.402	6,3%
Chile	1.398	6,3%
Japão	1.325	5,9%
Demais	9.431	42,2%
Total	22.331	100%

Bem Mineral	Valor US\$ FOB Milhões	(%)
Ferro	10.558	47,3%
Petróleo	8.905	39,9%
Cobre	1.032	4,6%
Rochas Ornamentais	860	3,9%
Caulim	303	1,4%
Demais	673	3,0%
Total	22.331	100%

As vendas para o exterior de produtos semimanufaturados, manufaturados e os compostos químicos, embora 7% menores em quantum,

resultaram em montante 9% maior, e participaram com 60% do total exportado, com US\$ 20 bilhões FOB

GRÁFICO 24
Distribuição das Exportações de Bens Minerais
2007



IMPORTAÇÕES

Em 2007 foram importadas 93,3 Mt de bens de origem mineral, o que significou dispêndios de US\$ 37,9 bilhões FOB. Houve um crescimento de 17% em quantidades e 14% nos preços médios. O montante total das importações cresceu, portanto, 34% em relação ao registrado em 2006.

A análise do *quantum* importado demonstra que os bens primários representaram 57% do

total com 53 Mt, sendo que neste grupo, as principais substâncias foram o petróleo, com 21,7 Mt e o Carvão, com 18,3 Mt, ou seja, ambos os bens participaram com 43% do total importado. Essas duas substâncias, quando se fala em valores, foram responsáveis por 79,5% dos bens primários e 36,4% do total. Os bens primários tiveram origem principalmente na Nigéria, Argélia e Arábia Saudita.

QUADRO 05

Importações de Bens Primários - 2007

Países	Valor US\$ FOB Milhões	(%)
Nigéria	5.093	29,3%
Argélia	1.727	9,9%
Arábia Saudita	1.571	9,0%
Estados Unidos	1.193	6,9%
Chile	1.142	6,6%
Demais	6.645	38,3%
Total	17.371	100%

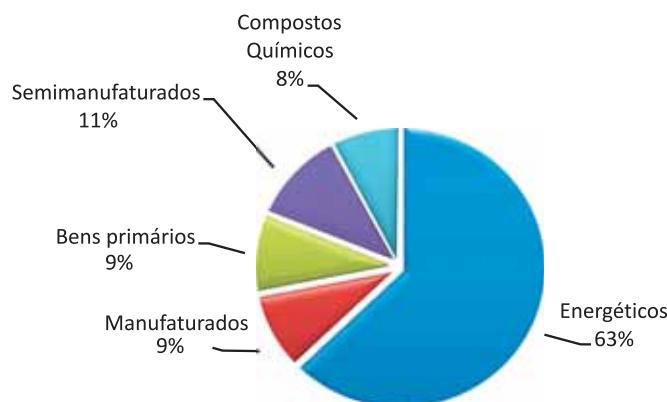
Bem Mineral	Valor US\$ FOB Milhões	(%)
Petróleo	11.977	68,9%
Carvão	1.837	10,6%
Potássio	1.513	8,7%
Cobre	1.078	6,2%
Zinco	253	1,5%
Demais	714	4,1%
Total	17.371	100%

Em 2007 foram importadas 940 mt de semi-manufaturados (US\$ 3,28 bilhões FOB), 23.781 mil toneladas (mt) de manufaturados (US\$ 12,65 bilhões FOB) e 15.469 mt de compostos químicos (US\$ 4,64 bilhões FOB). Assim, em relação aos dispêndios totais, os semimanufa-

turados participaram com 9%, os manufaturados com 33% e os compostos químicos com 12%. Contudo, isolando-se os energéticos dos grupos citados, percebe-se que eles representaram 63% de tudo o que foi importado, com 66,7 Mt (US\$ 23,8 bilhões FOB).

GRÁFICO 25

Distribuição das Importações de Bens Minerais 2007



IV. DESTAQUE



INVESTMENT GRADE

A economia do Brasil na rota dos fluxos de IEDs

Antonio Fernando da S. Rodrigues, Geól. MSc.

O anúncio da concessão do grau de investimento (*investment grade*) pela agência americana de classificação de risco *Standard & Poor's* (S&P) ao Brasil, elevando a nota de BB+ para BBB-, no dia 30 de abril de 2008, tem sido considerado pela mídia nacional e internacional como a notícia de maior relevância econômica, desde o reconhecimento do êxito no processo de estabilização da moeda e do advento do Real.

Conforme nota à imprensa a *Standard & Poor's* justificou a revisão à "maturação das instituições do Brasil e da estrutura política, evidenciada pela melhoria da dívida fiscal externa e pelas perspectivas de crescimento econômico." O impacto positivo da promoção do País, 14º a receber essa nota da S&P, reveste-se da maior significância, dado o momento em que a economia mundial ainda se ressentir da crise do mercado imobiliário (*subprime*) dos EUA.

O mercado respondeu imediatamente à promoção do país, cujos reflexos mais proeminentes foram o novo recorde histórico em pontos do Ibovespa (67.868 p.) valorizando 6,35%, notícia destaque nos cadernos econômicos dos principais jornais do mundo – *Financial Times* (Inglaterra), *The Wall Street Journal* e *Washington Post* (EUA) – queda acentuada do dólar (-2,52%) cotado na venda a R\$ 1,663 no dia.

No entanto, ainda se busca entender – haja vista as divergências de opiniões entre os analistas de mercado e o desgaste das principais

agências internacionais de risco (*Standard & Poor's*, *Moody's Investors Services* e *Fitch Ratings*) pela incapacidade em antever a crise do *subprime* dos EUA – a resistência e demora na concessão do *upgrade* ao Brasil, enquanto emergente e membro integrante do BRICs. Admite-se, contudo, que quando uma agência concede o 'selo de segurança', não tarda e as demais a seguem.

A propósito, registra-se que já em meados de 2007 a agência japonesa de risco de crédito *Japan Credit Rating* (JCR) havia elevado a nota da dívida de longo prazo em moeda estrangeira do Brasil para "BBB-" e a nota da dívida de longo prazo em moeda local para BBB. Mais recentemente, em 18.04.2008 a também japonesa R&I (*Rating and Investment Information*) elevou o *rating*¹ do Brasil para "BBB-".

É neste contexto que o Mineralnegócio do Brasil merece destaque na classificação de risco de crédito, na medida em que as principais *holdings* do segmento de petróleo, da mineração e da siderurgia nacional – PETROBRAS (*Mood's*, out 2004: Baa2; S&P, jan 2007: BBB-; *Fitch Ratings*, mai 2007: BBB-), CVRD (*Moody's*, jul-2005: Baa3), SAMARCO (*Fitch*, jul 2006: BBB-), CSN (*Fitch*, ago-2006: BBB-), USIMINAS, GERDAU (*Fitch*, jan-2007: BBB-) – lograram obter *upgrade* bem antes do País.

Há prevalência de opinião entre os analistas de mercado sobre a convergência de forças que alçaram o Brasil ao grau de investimento:

* A melhoria contínua das avaliações internacionais da economia do Brasil e a prova de resistência à crise global de crédito apresentam-se como principais elementos condicionantes ao *status de investment grade*;

*O vigor e sustentabilidade das exportações no último quinquênio, com destaque para as commodities agrícolas e minerais;

*A progressiva redução da dívida soberana do País; e, mais recentemente,

*O anúncio da descoberta pela Petrobras de 'mega-campos' de petróleo e gás natural (GNP), sinalizando perspectivas do Brasil inserir-se definitivamente como potência energética, tornando-o centro do interesse econômico mundial.

¹ Rating é a estimativa da probabilidade de inadimplência futura, sempre associada a capacidade de um país honrar o serviço de sua dívida. Portanto, os ratings soberanos sinalizam o risco de crédito de governos nacionais.

Portanto, esse clima de otimismo que ora ‘contamina’ o governo e iniciativa privada brasileira – onde se insere o Mineralnegócio – pode ser associado à conjuntura de prosperidade da economia doméstica do País, que vem se consolidando progressivamente desde o início do século 21.

Por outro ângulo, a aceleração do crescimento da economia mundial, condicionada à força propulsora do ‘fenômeno China’ – que aumentava a demanda doméstica para os processos de industrialização, infra-estrutura e urbanização, intensivos em mineral *commodities* – ampliou o leque de oportunidades de Mineralnegócio que o Brasil tem sabido aproveitar. Atribui-se o fato à reconhecida Geodiversidade do País, ao potencial mineral, às vantagens comparativas das jazidas/minas e à gestão competitiva dos minério-empreendimentos.

Com efeito, os fundamentos macroeconômicos e a melhora significativa nos vários indicadores de sustentabilidade externa – tais como: reservas cambiais que superam os compromissos externos e a evolução de uma situação de devedor para credor, reduzindo sua vulnerabilidade às crises econômicas externas – são marcos históricos na economia do Brasil e atributos basilares para a consecução dos objetivos de reconhecimento pelas agências avaliadoras de risco-País.

Enfim, mesmo que aparentemente paradoxal, a evolução de cenário da economia mundial ante a desaceleração da economia americana, não tem dissipado do mercado internacional a perspectiva de crescimento continuado dos preços *das commodities* minerais.

MINERALNEGÓCIO: Tendências

Admitindo-se a máxima do capitalismo de que os mercados são auto-reguláveis e que as Bolsas Internacionais de *Commodities* exercem o relevante papel de ‘barômetro’ dos preços – que por sua vez refletem o (des) equilíbrio entre a oferta e a demanda – o mais importante no momento atual de perdas nos mercados financeiros americanos, dada a avalanche de opiniões controversas sobre o futuro da economia mundial, é a percepção de que o pêndulo dos preços insiste em sinalizar uma tendência de não arrefecimento da pressão da procura sobre as condições de oferta de *commodities* minerais (inelásticas) que não se coaduna as perspectivas céticas de um mergulho da economia mundial em uma recessão inexorável.

Nessa linha de raciocínio, observa-se a convergência de opinião sobre a continuidade do ‘fenômeno chinês’ estar umbilicalmente vinculada ao crescimento dos emergentes, incluindo-se o Brasil. Portanto, as componentes da ‘força motriz’ do crescimento da China – industrialização, urbanização e desenvolvimento da infra-estrutura – são todas altamente intensivas de mineral *commodities*. Em decorrência, a crescente pressão da demanda chinesa sobre a oferta de bens minerais é o fator mais importante para explicar a cíclica altista dos preços desses produtos. A propósito, de uma análise ex-ante (2002-2005), observa-se que a China respondeu por mais de 100% do crescimento no consumo de chumbo e zinco, por

exemplo. Exercícios de cenários sinalizam um crescimento médio da demanda, por metais, chinesa de 6,2% a.a. até 2001. Isso significa que a China deve atingir cerca de 26,8 milhões t em *quantum* e ¥ 22 bilhões em 2011, respectivamente.

A tese se sustenta nas fortes evidências de sinergia entre as economias dos países emergentes e dos asiáticos, na medida em que estes, sob a liderança da locomotiva chinesa, ainda exibem taxas de expansão capazes de dissipar as nuvens negras de uma severa recessão mundial.

Neste ambiente – na medida em que as forças componentes do Mineralnegócio (oferta vs demanda) estão claramente delineadas – torna-se inevitável, então, remeter à seguinte reflexão: o que faz com que se tome como certeza algo que, no limite, situa-se no plano da hipótese, especulação?

Portanto, admite-se que o fluxo investimento global, que apresentaram uma evolução de US\$ 1,2 trilhão em 2006 para US\$ 1,4 trilhão em 2007, não obstante a crise do *subprime* americano, deverá continuar ascendente estimando-se que alcance o patamar do US\$ 1,6 trilhão em 2008 (cf. Sobeet, 2008).

O fluxo de IEDs para o Brasil apresenta peculiaridade interessante em relação àqueles

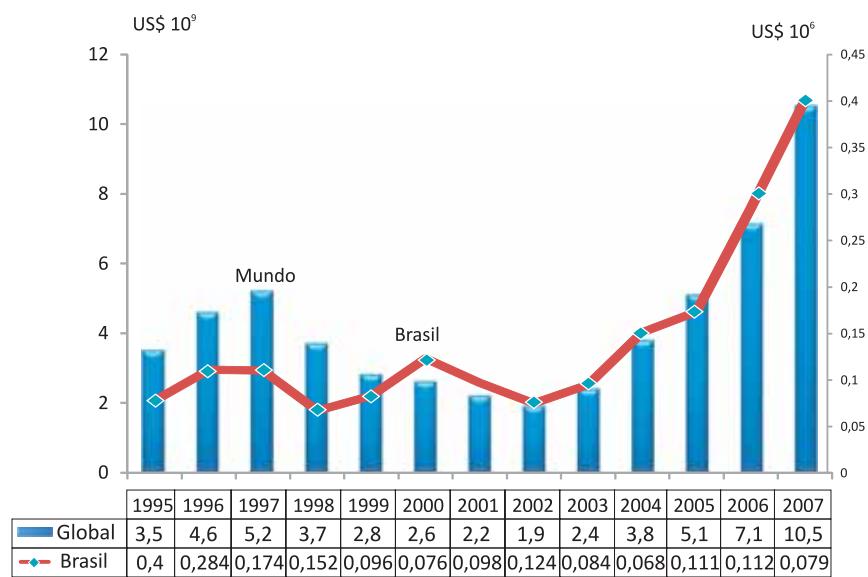
direcionados a outros países, visto que o Setor Terciário (Serviços) lidera a atração de investimentos, enquanto aqui o Setor Primário (Extrativismo/Recursos Naturais; e Secundário (Indústria) são os que mais atraem o capital direto externo. Com destaque para as fusões, as aquisições e o aumento de produção nos setores químico, metalúrgico e automobilístico.

mesmo compensando em parte a queda prevista de US\$ 10 bilhões no saldo da balança comercial. Concretizadas essas projeções, espera-se que o câmbio deva se manter no patamar entre R\$ 1,80 e R\$ 1,90.

O mercado imobiliário que já apresentava sinais positivos com a ampliação da oferta do crédito (hoje na ordem de 2% do PIB), a partir

GRÁFICO 26

Investimentos em Exploração Mineral 1995-2007 (US\$ Nominal)



Fonte: MEG, 2007.

Gráfico 26 - Fluxo de investimento em pesquisa mineral

A percepção dos analistas é de que a economia dos Estados Unidos desacelerando, implicará no arrefecimento da média do crescimento mundial. Entretanto, o bom momento por que passa a economia do Brasil, que gera uma expectativa de superar essa média, apresenta-se como importante fator de indução ao investidor identificar o Brasil como melhor oportunidade do que seu país de origem, face às perspectivas de maior remuneração e prêmio pago para investir no Brasil.

Ante a nova realidade do País com a classificação de *investment grade*, torna-se plausível admitir uma revisão das estima-

tivas iniciais sobre o ingresso de IEDs em 2008, fixados entre US\$ 34 bilhões e US\$ 41 bilhões, da implantação do PAC – Plano de Aceleração do Crescimento, deverá ser um dos setores mais beneficiados, melhorando as condições para a redução do déficit habitacional do País, estimado na ordem de 7 milhões de moradias.

É neste contexto que se insere a mineração de não-metálicos – agregados minerais (areia, brita e cascalho/seixos), rochas ornamentais/revestimentos e calcário para cimento – enquanto pilar-base da Cadeia da Indústria de Construção Civil.

RISCO - PAÍS

Brasil - Investment Grade - 2008

